



A Criação é a vitória sobre o caos (2ª Parte)

Rev. Paulo Rückert

A criação não está consumada. Ela é contínua, pois quando nasce um ser vivo, o caos está rondando de modo ameaçador. Deus não elimina o caos, mas impõe limites ao poder desintegrador (Sl 33,7; 104,9). A vitória de Deus é sempre parcial. Sempre continua existindo a possibilidade da desintegração, da doença e da morte que continua existindo e ameaçando todas as formas de vida. O retorno do caos significa a desestabilização da criação de Deus (Sl 60,2). Se Deus deixar de controlar o monstro, o mundo recai no caos primordial (Sl 104,29-30). Portanto, os seres vivos existem, porque Deus os preserva. Existir significa estar liberto e preservado do caos.

Além das citações dos salmos, outros textos do AT apresentam esse enfoque da criação. Observemos Jó 9,12-13; 26,12-13; 28,25-28; 38,8-11; 39; 40,15-24; 41,1-8; Pv 3,19-20; 8,22-31; Is 27,1; 30,7; 40,25-31; 42,5; 44,2.24; 51,9; Jr 27,5; Am 9,3. Estes textos apresentam o enfoque mais antigo da criação e transmitem uma mensagem convergente: a atividade criadora de Deus consiste em lutar contra o caos. Na medida em que Deus supera o caos, ele separa e estabelece a sua boa criação. Também hoje Deus está empenhado em conquistar e subjugar o caos. Deus é todo-poderoso, pois ele sempre consegue superar o caos. O caos não pode subsistir perante Deus.

Muitas vezes, nós só vemos o caos. Passamos o dia inteiro nos deparando com o caos e Deus está oculto (Is 45,15). Certamente é por isso que o NT declara que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5,19). Como se não bastasse a dimensão caótica da realidade, o ser humano acrescenta mais caos ainda – com calúnias, guerras. A existência do caos é evidente; quem precisa se manifestar é a bondade criadora de Deus.

Uma ilustração adequada para o caos é a

ferrugem. Ela só consegue atuar junto ao metal. Sozinha, ela nem existe. Da mesma forma, a doença; ela precisa de um organismo para se manifestar. Os médicos experientes já não tratam a doença como tal, mas a pessoa que adoeceu. Outra ilustração é a mentira. Ela só está aí para deturpar a verdade.

Onde Deus intervém, o caos não pode subsistir. Sendo a vitória de Deus por etapas, o caos é subjugado, mas não é eliminado. Deus é poderoso para sempre de novo vencer o caos, estabelecendo – a partir dessa vitória por etapas – sua boa criação. Deus não se detém diante do caos, que ameaça a vida de várias maneiras: mediante catástrofes na natureza, epidemias, câncer, doenças degenerativas e também hostilidades, calúnias, injustiças, perseguições, invejas, mentiras e guerras entre os seres humanos. O caos atua até dentro do nosso organismo, mas na maioria das vezes conseguimos ganhar a batalha. Deus pode até demorar para intervir. E muitas vezes o salmista exterioriza sua impaciência. Mas Deus é confiável e não decepciona: ele liberta aqueles que nele confiam e o invocam. Não há adversidade que impeça o agir criador de Deus. Ele está continuamente empenhado em conquistar e subjugar o caos.

Onde Deus está lutando contra o caos, lá ele também está exercendo seu poder criador. A criação não aconteceu uma única vez, antigamente, mas é um processo contínuo. Onde nasce um ser vivo, o agir criador de Deus está presente. A existência é frágil e se defronta continuamente com a ameaça da desintegração. O salmista acorda de manhã agradecendo a Deus, pois a vida é uma dádiva, uma libertação do caos, uma experiência de salvação. O início de cada dia deve ser celebrado com gratidão a Deus. Estar vivo significa estar salvo e preservado por Deus.



A onipotência de Deus e a existência do mal

Revda. Maria Luiza Rückert

A onipotência de Deus também pode estar envolta por credices delirantes, esclarece Tillich. “É magia e absurdo se é interpretada como a qualidade de um ser supremo que pode fazer o que quiser” (Tillich, Teologia Sistemática, p. 229). É a atitude de querer transformar Deus num “quebra-galho”, ao invés de procurar a vontade divina. Deus tem um plano.

Em verdade, no atual momento da história nem tudo está submetido a Deus. O conceito de onipotência divina deve ser reavaliado e reinterpretado. Deus não deve ser entendido como um ser supremo que pode realizar qualquer capricho (como fazer chover para cima, ou inventar um círculo quadrado). Esse infantilismo é até uma afronta a Deus. A realidade é constituída de uma pluralidade de poderes. Cada indivíduo tem o poder para tomar decisões: certas ou equivocadas. Encontramo-nos numa realidade em que os diversos poderes exercem influência um no outro. Portanto, o poder de Deus se defronta com o poder de decisão de cada indivíduo. Cada um é livre para aceitar o Evangelho de Jesus ou não – podendo praticar a vontade de Deus ou não.

Charles Hartshorne enfatizou a dimensão pessoal de Deus. Ele também reelaborou o conceito da onipotência de Deus, pois nenhum ser detém exclusivamente todo o poder. A realidade é constituída de uma pluralidade de poderes. Hartshorne salienta que a experiência pressupõe uma pluralidade de poderes, os quais exercem influência um no outro. Não é concebível que um único ser detenha literalmente todo o poder. Nem mesmo Deus. Desse modo, Torna-se necessário reelaborar o conceito de onipotência divina.

A onipotência de Deus consiste no seu poder de conquistar o caos, estabelecendo assim a sua boa criação. Deus está em luta permanente para sobrepujar o caos

e o seu agir criador é contínuo. “Não há uma justificação teórica do mal, e sim um engajamento existencial e prático de Deus, que não deixa o homem abandonado à experiência do sofrimento” (Juan Estrada, A impossível teodiceia, p. 92).

Numa pluralidade de forças, a onipotência de Deus não é única e absoluta; ela é limitada. É preferível que Deus seja limitado mas bondoso do que onipotente e malvado.

A eliminação definitiva do mal acontecerá no final da história. Esse enfoque concilia a bondade de Deus com a onipotência e a onisciência. O futuro se abre para uma esperança.

Oscar Cullmann salientou que o Novo Testamento deve ser interpretado a partir da tensão entre o “já” e o “ainda não”. A vitória já foi alcançada, mas o mal ainda não foi eliminado. A batalha decisiva já aconteceu, mas a guerra prossegue até o dia da vitória. Por isso, “no tempo intermediário entre o triunfo de Cristo e o fim, período no qual ainda vivemos, igual ao Novo Testamento, a onipotência de Deus está limitada” (Cullmann, A oração no Novo Testamento, p. 297-98). Nesse período intermediário, em que o mal continua a operar, a onipotência de Deus “coexiste com o poder do mal, que ainda está operando e ao qual Deus deve combater” (Cullmann, A Oração no NT, p. 302).

O mal é uma realidade; a hostilidade está aí. “À luz da fé cristã, a história é a arena em que se trava o conflito entre a vontade de Deus e tudo aquilo que lhe é hostil” (Gustaf Aulén, A fé cristã, p. 146).

O psicólogo metodista David Seamands afirma que “Deus não é o Criador de todos os acontecimentos, mas ele é o Senhor de todos eles”.

A oração

Rev. Manuel Miranda

A Bíblia é um livro de orações e os Salmos, de forma muito especial, contêm orações diretas e indiretas na sua quase totalidade. Os grandes personagens bíblicos oravam, de Abraão a Moisés e todos os profetas. No Novo Testamento, nosso maior exemplo é o próprio Jesus, o Filho que busca no Pai toda a força que necessita para cumprir cabalmente sua missão. Jesus orava sozinho; às vezes pediu a companhia dos seus discípulos, que, entretanto, não conseguiram acompanhá-lo. Eis uma verdade incontestável e altamente inspiradora: Jesus orava! E, ao lado do Pai, ora por nós (Rm 8. 34). O livro dos Atos registra que a igreja das origens orava intensamente.

Orar, oração, interceder, intercessão, suplicar, súplica são verbos e substantivos que aparecem cerca de 195 vezes na Bíblia. Este volume de referências ditamos a grande importância deste ato humano de humildade diante de Deus e a força que deriva dele como dom.

Há pessoas cristãs que não oram e dizem que não sabem orar. Teriam perdido as experiências da infância quando necessitavam de tudo e tudo pediam à mãe, ao pai? Deus não se agrada de vãs repetições (Mt 6. 7), de discursos empolados, como o do fariseu no templo; mas se agrada dos gemidos profundos, como os do publicano, ali, ao lado e objeto de zombaria. Aliás, parece mesmo que as mais profundas orações saem como gritos, gemidos, às vezes dolorosos, às vezes sem esperança, que traduzem a angústia do coração humano diante do sofrimento próprio ou alheio. Esse grito, esse gemido tem aceitação de Deus Pai misericordioso. Além disso, traduzem bem a honestidade da oração, a sinceridade que brota como semente que força a terra seca que está sobre ela, até que nasce e se torna árvore benfazeja.

A oração jamais perde valor por não ser

mais repetida. Jesus mesmo advertiu sobre isso. Se oramos por alguém com sinceridade numa determinada época e depois não oramos mais, esta oração não vai para o “arquivo morto” das recordações de Deus. No Senhor, ela estará sempre presente, como as orações das mães na infância dos filhos.

Certa vez, no velório de uma senhora mui amável, que orava sempre pela Igreja e pelos pastores, um deles lamentava que não teria mais as orações dela para lhe dar força no dia-a-dia. Tive a oportunidade então de lhe falar e também aos presentes, que as orações daquela amável senhora eram eternas, jamais deixariam de existir, pois foram dirigidas a Deus e Deus não se esquece como esquecem os seres humanos.

Orar é um ato de grande responsabilidade, de compromisso com Deus e como objeto da oração. Não é mera sequência, ordenada ou não, de palavras que ficam sem sentido para outros ouvintes. É uma palavra dirigida a Deus, que sempre responde a nosso favor ou contra nós, pois há oração egoísta de que Deus não se agrada; há ainda aquelas que não passam do teto do templo ou da casa. São vazias, da boca para fora, sem origem no coração humano.

É verdade que oramos pouco porque não queremos compromisso. Se abro a boca para orar publicamente, estou confessando algo perigoso, pois pode valer a minha vida em qualquer de suas características: tempo, esforço, dinheiro, trabalho extra, variáveis do serviço a que somos chamados a realizar quando dizemos: Jesus é o meu Salvador! Jesus é o meu Senhor!

Quando somos chamados à oração, em qualquer circunstância, este é um dos mais belos, atraentes e desafiadores convites que podemos receber! Por meio da oração, Deus nos concede o bem de que precisamos para “experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2c).

Ser presbiteriano é pertencer a uma igreja que é uma comunidade

João Calvino (1509-1564) era ainda criança quando Martinho Lutero (1483-1546) afixou as 95 teses à porta da Catedral de Wittenberg, em 1517. A conversão de Calvino ao protestantismo se deu somente em 1533, quando a Reforma Luterana já avançava para a sua segunda década de existência. Coube a esse francês bastante reservado, em 1536, apresentar a sistematização mais ampla e didática dos insights doutrinários de Martinho Lutero na obra intitulada Instituição da Religião Cristã. Refugiado em Genebra, ao lado de outros refugiados das perseguições movidas pela Igreja Católica Romana, João Calvino deu forma à doutrina e ao modo de organizar a igreja cristã reformada.

As igrejas presbiterianas são descendentes da Reforma da Igreja de Genebra, liderada por João Calvino. Entretanto, foi na Escócia que esse ramo reformado adotou a designação presbiteriana. O nome é proveniente do modo de tomar decisões e governar a igreja. Os membros da igreja elegem, dentre os próprios leigos, pelo voto direto, seus representantes para o Conselho da Igreja. As decisões administrativas, disciplinares e doutrinárias são tomadas por esse conselho de presbíteros. Daí serem chamadas de presbiterianas, ou seja, igrejas que são governadas não por bispos, mas pelos presbíteros. John Knox (1514-1572), um discípulo de João Calvino, foi o principal reformador da igreja na Escócia. Francis Makemie (1658-1708) levou o presbiterianismo para os Estados Unidos quando este ainda era uma colônia inglesa. Aliás, o único clérigo a assinar a Declaração da Independência dos EUA foi o pastor presbiteriano John Witherspoon.

Em 1859 chegou ao Brasil o missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton. A Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil foi organizada no Rio de Janeiro, em 1862. Caberia à Alexander Blackford organizar,

na cidade de São Paulo, em 1865, a Primeira Igreja Presbiteriana. Os missionários presbiterianos foram recebidos com entusiasmo pela elite intelectual brasileira, quase sempre em conflito com o obscurantismo da Igreja Romana da época.

Afinal, em que creem os presbiterianos? Como vivenciam sua fé? O que significa ser presbiteriano? Ser presbiteriano é pertencer a uma igreja que é uma comunidade. Os presbiterianos não são uma corporação religiosa, igreja composta apenas pelo clero, ou uma empresa religiosa, dirigida por “pastores-proprietários”, para atender as necessidades de consumidores religiosos. Presbiterianos não querem ser “a única igreja verdadeira” sobre a terra. Presbiterianos não querem que a igreja cresça a qualquer custo, mas almejam que as pessoas cresçam em bondade e misericórdia.

Presbiterianos lembram-se a cada dia do que Cristo disse: “...tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso e fostes ver-me” (Mt 25.35-36). Ser presbiteriano implica viver a fé cristã de forma madura e coerente. O presbiteriano não foge das complexidades da vida com respostas prontas. Menos ainda se vale o presbiteriano da infantilização por meio do cultivo do pensamento positivo, chavões e superstições, mascarada sob a designação imprecisa de fé. A fé presbiteriana possui um fundamento – Cristo. Antes e acima de tudo, trata-se de fé em Cristo, o Salvador.

Valdinei Aparecido Ferreira

Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo e doutor em Sociologia.

Publicado no Jornal O Estado de S. Paulo em 30/10/2017



IDE E ANUNCIAI
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ



EXPEDIENTE: O Ide e Anunciai é uma publicação da Secretaria de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Equipe Responsável: Revda. Maria Luiza Rückert (coordenadora), Rev. Manoel Miranda e Rev. Paulo Rückert. Colaboradora: Revda. Cida Almeida. Diagramação e arte final: Davi Melo.



MENSAGENS DE LEITORES

Escreva-nos contando suas impressões sobre este boletim. Sua opinião é muito importante para a continuidade e o aperfeiçoamento deste trabalho: maria.luiza.ruckert@gmail.com